



INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL ATIBAIENSE LTDA
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
Credenciado pela Portaria nº 258, de 22 de março de 2018.

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT

PSICOLOGIA

ISADORA ÁGATHA NASCIMENTO

**PSICOLOGIA E NEGRITUDE: O SER NEGRO SOB O ENFOQUE
PSICOSSOCIAL E PSICANALÍTICO**

ATIBAIA – SP

2021



INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL ATIBAIENSE LTDA
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
Credenciado pela Portaria nº 258, de 22 de março de 2018.

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT

PSICOLOGIA

ISADORA ÁGATHA NASCIMENTO RA: 1517096

**PSICOLOGIA E NEGRITUDE: O SER NEGRO SOB O ENFOQUE
PSICOSSOCIAL E PSICANALÍTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia, no Centro Universitário UNIFAAT, como requisito parcial para obtenção de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Prof.^a Me. Marcela Cavallari Augusto.

ATIBAIA – SP

2021



INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL ATIBAIENSE LTDA
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
Credenciado pela Portaria nº 258, de 22 de março de 2018.



INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL ATIBAIENSE LTDA
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
Credenciado pela Portaria nº 258, de 22 de março de 2018.



INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL ATIBAIENSE LTDA
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
Credenciado pela Portaria nº 258, de 22 de março de 2018.

ISADORA ÁGATHA NASCIMENTO

**PSICOLOGIA E NEGRITUDE: O SER NEGRO SOB O ENFOQUE
PSICOSSOCIAL E PSICANALÍTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para
obtenção de Bacharel em Psicologia, pelo
Centro Universitário UNIFAAT

Data da aprovação: 09/12/2021

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Marcela Cavallari Augusto', written over a horizontal line.

Prof.ª Me. Marcela Cavallari Augusto

Orientadora



AGRADECIMENTOS

Meus sinceros e amorosos agradecimentos,

Em primeiro lugar, a todos que vieram, lutaram e foram correnteza para que eu estivesse aqui hoje.

Aos meus pais, Silvia e Marlei, que foram minha força em todos os momentos, sem vocês nada disso seria possível.

A uma amiga querida e profissional dedicada, Jennifer Pinheiro, por me lembrar sempre que necessário, que eu seria capaz.

Em especial, minhas companheiras de luta, Silvana Cotrim e Wanda Cavalcante, por terem me lembrado tantas vezes o motivo de estar aqui neste lugar, apesar das dores pelo caminho. Agradeço também a Raquel Costa, por ser inspiração, não só para mim, mas para tantas outras meninas negras que sonham em seguir a carreira acadêmica. Eu sou, porque todos essas pessoas foram antes de mim, obrigada por serem força!

RESUMO

O Brasil foi construído a partir da exploração da mão de obra escrava de negros africanos, estabelecendo assim a forma com que a relação entre brancos e negros se desenvolveria, qual o impacto dela na sociedade e suas implicações psicológicas. Dessa forma através da pesquisa bibliográfica, aspectos dos enraizamentos das relações sociais e as manifestações geradas por ela demonstram o sofrimento específico da população negra resultando no adoecimento, além de demonstrar a importância das representações sociais na contribuição da transformação social e enfrentamento do racismo, e também a relevância dos movimentos sociais no resgate da autoestima e dos direitos do povo negro.

Palavras-chave: 1. Negro; 2. Racismo; 3. Psiquismo; 4. Colonização; 5. Inferioridade.

ABSTRACT

Brazil was built from the exploitation of black African slave labor, thus establishing the way in which the relationship between whites and blacks would develop, its impact on society and its psychological implications. Thus, through the bibliographical research, aspects of the roots of social relations and the manifestations generated by it demonstrate the specific suffering of the black population resulting in illness, in addition to demonstrating the importance of social representations in contributing to social transformation and coping with racism, and also the relevance of social movements in recovering the self-esteem and rights of black people.

Key-words: 1. Black; 2. Racism; 3. Psychism; 4. Colonization; 5. Inferiority.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1.....	9
1.1 Contextualizações Históricas	9
CAPÍTULO 2.....	14
2.1 Implicações Psíquicas	14
CAPÍTULO 3.....	19
3.1 Psicologia, Psicanálise e a Formação Profissional	19
3.2 Ubuntu: do eu sou ao resgate da autoestima de todo um povo como forma de resistência	21
DISCUSSÃO.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

De acordo com as premissas postuladas pela psicanálise não há como compreender o sujeito sem considerar os aspectos sociais conforme o contexto no qual ele está inserido (HERZOG, 2004). Atualmente, o tema das relações sociais vem ganhando grande destaque através das grandes mídias, pois além de transmitir casos de racismo e injúria racial, possibilita e abre espaço para que o debate dos efeitos da discriminação racista imposta a população negra desde a colonização seja efetivo.

Visando estas perspectivas o objetivo desse artigo Visa entender qual o impacto da ideologia racista na Constituição da subjetividade do sujeito, e também os efeitos sociais deste fenômeno, além de contribuir para elucidar as próximas etapas para promover transformações sociais e também a contribuição teórica prática da Psicologia para este enfrentamento. Para melhor compreensão, de acordo com Schucman, Nunes e Costa (2015), a ideologia racista se baseia na crença da superioridade de determinada raça, sendo este motivo de sofrimento psíquico por se tratar de uma ação violenta por mais que se trate de um tema como extrema relevância social, pouco é falado durante a formação dos profissionais psicólogos, que devem ter seu aporte teórico prático pautado no contexto em que estão inseridos.

Dessa maneira, o intuito desse artigo é compreender de forma mais complexa as perspectivas raciais a partir da teoria psicanalítica, e assim, contribuir significativamente para o enfrentamento do racismo através das transformações sociais e promoção de conscientização coletiva. Pois conforme se observa nos movimentos sociais de resistência (CFP, 2017) a atuação dos psicólogos precisa ser condizente com o contexto, para compreender as demandas que surgem a partir da ideologia racista, por isso é válido que se discuta as implicações que permeiam as Relações Raciais.

CAPÍTULO 1

1.1 Contextualizações Históricas

Na sociedade contemporânea na qual nós estamos inseridos um tema que vem ganhando cada vez mais espaço refere-se às relações raciais, pois apesar do mito da democracia racial instaurado como uma marca sobre o Brasil (FERNANDES, 1972, p. 7 apud MARTINS; MOITA, 2018), o preconceito e o racismo permanecem presentes e intactos no cotidiano da população negra em todo o mundo. Mas, na apresentação em questão o contexto será restringido ao Brasil para melhor estruturação e contextualização histórica racial e seu papel na construção do país. No Brasil, o tráfico negreiro foi iniciado no século XVI aproximadamente no ano de 1550, visando uma mão de obra sem custo a fim de promover a construção do país e conforto da elite que ali residia.

Dessa forma, a escravização de povos negros ocorreu em uma dimensão jamais vista e que durou 300 anos oficialmente. (DE ALENCASTRO, 2018). E por que apenas oficialmente? Para compreender o que se quer dizer, é necessário que se saiba que ao longo destes 300 anos a tentativa de abolir a escravização ocorreu de forma lenta e gradativa, e não por benevolência, mas sim por conveniência. Dito isso, regressa-se até o continente africano tão rico em cultura e com sua própria história a ser contada e repassada, que observa a duras penas seu povo ser tomado, não de maneira pacífica, de suas terras e povos (MILLER, 2011).

Agora, já se pode dizer que o primeiro contato do homem negro com a despersonalização do seu ser existente, foi através dessa invasão, pois sabendo que o continente africano é vasto e rico em linguagens, dialetos e culturas, o homem negro foi retirado de sua terra sem possibilidade de questionamento e colocado em um navio com tantos outros, sem a menor ideia do que aconteceria e sem maneiras de se comunicar, pois na África as conexões e noção de pertencimento ocorriam através da cultura, dos dialetos e costumes (MILLER, 2011). Infelizmente, a jornada não acabaria ali, apenas começa, com os milhares de homens e mulheres negros que além de perder sua identidade ainda precisaram ser submetidos a observar as mortes e crueldades que aconteciam no decorrer do trajeto, porque o que eles conheciam até então era uma forma múltipla de viver e conviver uns com os outros e naquele

momento se depararam com a individualidade imposta. Pois como pressupõe Miller (2011, p. 29).

A individualidade, que o pensamento moderno celebra como “liberdade” pessoal, era vivida pelos africanos como uma perda debilitante, e a escravização reduziu a multiplicidade de conexões buscadas à dependência única e infantilizada a um senhor.

Não bastando o trauma resultado por essa separação forçada, ao desembarcarem no novo mundo, sem a menor perspectiva do que os esperava, foram colocados em situações extremamente humilhantes, não apenas com castigos físicos, mas também através da condenação moral e cultural, pois foi preciso que reaprendessem uma nova língua e assumissem uma cultura que não lhes pertencia, renunciando forçadamente todos os aspectos da identidade construída até então, sujeitos a decisões e autorizações de senhorios até para a constituição de família ou quaisquer outros laços (MILLER, 2011).

A colonização foi cruel em muitos aspectos, mas o epistemicídio, sendo este o apagamento da história e cultura de um povo, reflete até hoje na sociedade que conhecemos e vivemos, não apenas o apagamento, mas também o embranquecimento deste conhecimento e cultura (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7, apud MARTINS; MOITA, 2018). Pensando no impacto causado na psique dos que passaram por este período, e introjetaram tudo o lhes foi imposto, a perda da identidade os colocou em um lugar de não existência, e assim permaneceram por centenas de anos, e como reforça Miller (2011) não por vontade própria ou passividade, mas sim, por um sistema que foi estruturado de maneira que não houvesse espaço para que eles pudessem existir.

Também é relevante ressaltar que nos anos seguintes, muitas pessoas lutaram para que essa história fosse devidamente alterada, pois não bastando ver sua existência ignorada e sua cultura criminalizada, ficou sujeito a estrutura que tanto os oprimia. É lógico que se pensasse que após a lei áurea de 1888, libertando todos negros escravizados, mesmo com movimentos reivindicando tal ação anos antes (ARAÚJO, 2019), as mazelas desse sofrimento se findariam, mas as condições oferecidas e a forma com que a sociedade recebeu os recém-libertos determinaria o processo histórico das relações raciais nos dias atuais, pois as marcas estruturais foram definitivas, como se percebe com a seguinte colocação:

A escravização dos africanos, a temporária incapacidade cultural imposta pela realocação no estranho novo mundo do Brasil e os medos e ressentimentos pertinentes aos dois lados da relação de escravização ampliaram essas distinções marginais para contrastes dicotômicos que vieram a dominar as ideologias e as identidades nas duas comunidades (MILLER, 2011, p. 26).

Portanto, o resquício de 300 anos da escravização de povos negros permanece de maneira latente, e muitas vezes explícita na sociedade atual.

Atualmente, apesar de a população negra ser a maioria do país em cerca de 54,9% (IBGE), ainda sofrem com o impacto de sua constituição pautada no racismo, recebendo o tratamento de minoria. Talvez, essa seja uma das maiores crueldades geradas pelo racismo estrutural, fazer com que a maioria se torne a minoria e precise reivindicar direitos que deveriam ser naturais de sua existência. Parece ambíguo, mas a tática do racismo obteve tanto sucesso que além do racismo impregnado em todas as estruturas da sociedade, o impacto dele na constituição do psiquismo acompanhou as gerações que se seguiram, que introjetaram tal inferioridade imposta (FANON, 2020), porém, falaremos disso mais a frente. Para elucidar, utilizaremos de estatísticas então, pois elas comprovam em todos os âmbitos que a política de extermínio e o racismo estrutural tiveram sucesso.

De acordo com o Instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE), em 2016 cerca de 54,9% dos brasileiros se declararam como pretos e pardos. Mesmo em maior número populacional o preconceito e a violência se sobressaem sendo marginalizados por parte da sociedade. Já no Atlas da violência promovido pelo Instituto de pesquisa econômica aplicada (IPEA), 75,5% das vítimas de homicídio no Brasil em 2017, era negra, entre 2007 e 2017 essa taxa cresceu 33,1%.

Com o passar dos anos, as políticas públicas visaram promover a igualdade, com o intuito de diminuir a disparidade de negros comparados a brancos, utilizaram-se de políticas afirmativas, como a de cotas por exemplo. Gerando comoção da branquitude com a alegação de não ser justo com tantos outros que se esforçavam. Na perspectiva abordada por Telles (2003 apud MODESTO et al, 2018, p. 3)

As primeiras experiências de cotas em instituições de ensino público no Brasil datam de 2003, embora seja alvo de debates em movimentos sociais desde a década de 1980 (Telles, 2003). A ideia que sustenta a política de cotas no Brasil é de uma reparação a grupos historicamente desfavorecidos, como os negros.

Como se pode perceber existem inúmeras tentativas para desmerecer ou anular qualquer tentativa de promover a equidade, pois se há a necessidade de ações para tal, é porque há muito tempo isso lhes foi negado. Não obstante, além de todas as desigualdades sofridas, a população negra precisa conviver diariamente com o medo paralisante e a sensação de que deve estar constantemente em alerta por conta de centenas de anos sendo humilhados e mortos por conta da cor e da história que carrega (CFP, 2017).

É válido ressaltar que nas engrenagens do racismo, atualmente movimentos de resistência e de reivindicações vem ganhando cada vez mais espaço, como ressalta o Conselho Federal de Psicologia nas Referências Técnicas para atuação dos psicólogos nas Relações Raciais (2017, p. 15).

A população vítima dessas violências não fica incólume a elas, o que não significa dizer que necessariamente fique a elas atadas, ao contrário, do ponto de vista subjetivo, intersubjetivo e social, observa-se cada vez mais resistências, recusas, transformações, em função principalmente das ações do Movimento Negro e da tentativa de dar visibilidade às expressividades culturais e religiosas atinentes “ao universo negro”.

Por se tratar de um fenômeno estrutural, o racismo é uma ferramenta utilizada a fim de perpetuar a crença de que há uma raça superior, e assim sendo, mantendo a outra sob domínio (CFP, 2017). Os efeitos históricos, sociais e psíquicos fazem com que o sujeito seja mantido em uma situação constante de angústia, pois o racismo é um dado estruturante e histórico, que mantém desigualdades, gera diversas violências e causa um sofrimento específico o que influencia na constituição do sujeito (CFP, 2017).

O tema das relações raciais se mostra muito presente, principalmente com o cenário brasileiro atual, nunca se falou tanto sobre os efeitos do racismo e da discriminação que a população negra vem sendo submetida desde a colonização. Por fim, observar as singularidades das relações raciais, não visa analisar quantitativamente o sofrimento de brancos e negros, mas reconhecer que há um impacto histórico em um povo que por anos teve seu sofrimento negado, por isso a necessidade de se compreender mais do que nunca as marcas deixadas na psique deste povo (CFP, 2017).

A partir do que foi exposto, vamos realizar uma discussão sobre o racismo e de que forma essa construção gera impactos na constituição da subjetividade e no

psiquismo do sujeito e da população negra. Considera-se ainda o é papel da psicologia em compreender tais relações e de que forma elas promovem esse sofrimento, além de apresentar formas de enfrentamento do racismo, do preconceito e da discriminação, pois todo trabalho e atuação devem ser pautados no contexto social e na compreensão das diversas singularidades (CFP, 2017).

CAPÍTULO 2

Deixando para trás noites de terror e atrocidade; Eu me levanto; Em direção a um novo dia de intensa claridade; Eu me levanto; Trazendo comigo o dom de meus antepassados; Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado; E assim, eu me levanto; Eu me levanto; Eu me levanto. (*Trecho do poema Ainda assim eu me levanto, Maya Angelou, 1978*).

2.1 Implicações Psíquicas

A ideologia racista produz noções de norma e normalidade que promovem e mantêm o sujeito negro em estado constante de angústia e inferioridade e este se constitui em um dos aspectos da neurose (FANON, 2020). Assim, falando em psicanálise, sabe-se que a teoria psicanalítica foi estabelecida de maneira universal, porém considerando a temporalidade, podem-se utilizar os conceitos para analisar como se estabelecem as relações raciais, o impacto delas na constituição do sujeito e de que forma as defesas psíquicas se movem nelas (BORGES, 2017). Ao entender o racismo enquanto fenômeno estrutural é possível compreender e dimensionar o impacto deste no psiquismo humano. Pois, o sujeito sendo afetado pelos processos inconscientes, perpetua de forma sutil e imperceptível a ideologia racista (TABACOF, 2017).

Como visto anteriormente, por se tratar de um fenômeno histórico e que estrutura as relações sociais, tem grande influência na constituição do sujeito. Conforme postulado por Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas* (2020), através de sua perspectiva da colonização nas Antilhas, o autor resgatou a importância da linguagem para se compreender as relações raciais. Pois, é através da linguagem que as relações se estabelecem, logo, tanto no contexto da colonização das Antilhas, quanto na colonização do Brasil, a primeira das privações imposta aos negros, foi a impossibilidade de se comunicar, e se não há comunicação, não há como existir (FANON, 2020). Fanon afirma que:

Todo povo colonizado – isto é, todo povo cujo seio se originou um complexo de inferioridade em decorrência do sepultamento da originalidade cultural local – se vê confrontado com a linguagem da nação civilizadora, quer dizer, da cultura metropolitana (2020, p. 32).

Pode-se dizer que esse complexo de inferioridade postulado por Fanon (2020) a partir do estabelecimento das relações raciais se deu através da alienação

coletiva promovida pelo racismo instituído subjetivamente através do apagamento da cultura nativa na qual nasceram. Assim, se institui o sentimento de inferioridade que existe no sujeito negro para com o branco, sobre esse fato Fanon afirma que (2020, p. 65)

A questão é saber se é possível para o negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo que tanto aproxima do comportamento fóbico. No negro existem uma exacerbação afetiva, uma raiva por se sentir pequeno e uma incapacidade para qualquer comunhão que o confinam em uma insularidade intolerável.

A alienação psíquica do negro conforme pressupõe Fanon revela não só o lugar de inferioridade, mas também, um sujeito negro que busca qualquer maneira de se embranquecer ao se sujeitar a cultura do Outro, ou melhor, ao campo do Outro, pois é nele que este se constitui. Como afirma Rosa (2016 apud BRAGA; ROSA, 2018, p. 95)

É importante distinguir o que seria o campo do outro, campo de linguagem no qual o sujeito se constitui, campo de onde vêm os significantes com os quais é nomeado desde antes do seu nascimento, dessas nomeações que condenam o sujeito a uma existência desqualificada em nome da manutenção de poder e de privilégios.

Ao associar essas relações ao campo das neuroses nota-se a presença de dois extremos, a superioridade exercida pelos brancos e a inferioridade vivida pelos negros, fazendo com que o ego reaja as influências desse meio (FANON, 2020).

A premissa postulada por Fanon afirma (2020, p.95)

A estrutura neurótica de um indivíduo será justamente a elaboração, a formação, a eclosão no Ego de nós conflituais oriundos, por um lado, do meio e, por outro, da forma puramente pessoal como esse indivíduo reage a essas influências.

Para a psicanálise o papel do ambiente social na constituição psíquica do sujeito é fundamental (SILVA; BRANCO, 2011). Sobre este fato, Fanon (2020) traz a luz os aspectos psicanalíticos envolvidos também na teoria da sexualidade, por conta da crença social a respeito do vigor sexual do negro, alimentando a fantasia coletiva de estar acima dos aspectos da moral, sempre sendo maldito, recebendo características negativas e nunca como sujeito pleno. Pois "o pecado é negro, assim como a virtude é branca" (FANON, 2020, p.152), fazendo com que se perpetue as várias formas de violência e dominação que causam anos impactos nas relações raciais (BENTO, 2012 apud BRAGA; ROSA, 2018). Quando se considera as defesas

do Ego, “a projeção tem grande destaque na relação com o Outro, pois é durante essa projeção que o sujeito projeta o quê nega em si próprio” (ALMEIDA, 2009, p. 64) Dessa forma ao analisar as relações sociais é possível cunhar outro termo da psicanálise, a identificação, pois se baseia na relação com o Outro, no que este impõe e ao desejo do Outro (BRAGA; ROSA, 2018). Conforme a seguinte premissa levantada por Braga e Rosa (2018, p. 94):

Aquilo que é mais caro e precioso ao sujeito é também insuportável e inadmissível e, muitas vezes, será a partir do encontro com o outro que o sujeito irá reencontrar algo dessa parte maldita, algo do outro nele ou dele no outro.

Ao ampliar e ressignificar esses conceitos psicanalíticos que são pensados de maneira universal, pode-se olhar de maneira mais efetiva para as relações raciais, pois o racismo deixa marcas no campo do desejo o que conseqüentemente implica em conflitos psíquicos principalmente ligados ao sentimento de inferioridade que fazem com que o negro se sujeite a aprovação branca em todas as instâncias de sua vida. E voltando às articulações de Fanon (2020), para existir o negro adquire não só a aprovação, mas também a cultura branca a fim de se tornar identificável e assim ser aceito no mundo branco. Pois é através do olhar do Outro que nos constituímos (FANON, 2020).

As implicações do racismo se desdobram também para a branquitude, pois ao contrário do negro que convive com o racismo diariamente e não pode ignorá-lo por mais que tente, o branco o faz de maneira que passa a não reconhecer seu próprio racismo. Acarretando nas vicissitudes dos enraizamentos culturais formados através do inconsciente coletivo que visa manter o sujeito negro em um lugar de inferioridade, e não somente neste lugar, mas também de submeter o outro ao seu desejo, ou seja, o corpo negro como satisfação do desejo branco, ao explorá-lo.

Conforme afirma Hooks em *Olhares negros, raça e representação* (2019, p. 67)

Ao deslocar a noção de Outridade da raça, etnicidade, cor da pele, o corpo se revela como um lugar de contestação onde sexualmente é o outro metafórico que ameaça dominar, consumir e transformar através da experiência do Prazer. Desejado e disputado, o prazer sexual altera o sujeito que consente, desconstruindo noções de desejo, controle e dominação coercitiva.

Nesse aspecto pode-se relacionar Fanon (2020) e Hooks (2019) que trazem análises muito parecidas com relação ao imaginário coletivo que perpetua e dissemina estereótipos negativos e pejorativos associados ao negro e sua cultura, como por exemplo aos valores do malandro no Brasil pós-abolição, o que torna perigoso amar a negritude, pois a única forma de enfrentar esses impactos cíclicos coletivos e estruturais nomear a dor que este vem causando a gerações (HOOKS, 2019).

Além disso o fortalecimento do Ego para quebrar com este enquadre é algo relevante, por isso a Constituição da identidade e se mostra importante. Pois, trazendo a constituição histórica do Brasil, o negro não teria história para apoiar a formação das identidades, ou seja, resistência ontológica para se posicionar diante do racismo imposto, procurando aceitar tudo que vem da branquitude (MUNANGA, 2019).

Sobre os impactos das relações sociais no psiquismo, Nogueira (2017) relata de que maneira a cor se encontra no inconsciente, através do contexto no qual esta é constituída, introjetando todo o meio no qual está inserida. Sendo a branquitude agressiva, o sujeito negro culpa-se e passa a se inferiorizar, ocupando um lugar de inautenticidade. Pois tudo o que o negro recebe é essa desvalorização, novamente trazendo a premissa de Fanon (2020) pois se este se constitui de acordo com o que o outro determina, logo, se ver como sem valor, resultando no reforço dessas estruturas de inferioridade. Para Nogueira (2017):

É, evidentemente, confuso o processo psicológico da ordem do inconsciente pelo qual os negros passam. Ser sujeito no outro significa não ser o real do próprio corpo, que deve ser negado para que se possa ser o outro. Mas essa imagem de si, forjada na relação com o outro e no ideal da branca não só não guarda nenhuma semelhança com o real de seu corpo próprio, mas é por este negada, estabelecendo-se aí uma confusão entre o real e o imaginário (2017, p. 124).

Por fim, para além dos efeitos devastadores do racismo na psique do sujeito, é necessário que este sofrimento seja reconhecido e principalmente nomeado, pois negar algo enraizado nas estruturas da sociedade brasileira que se constitui dessa maneira histórica não faz com que o sofrimento causado por ele deixe de existir, por isso é necessário que esta teoria se descolonize e assim possa ser fortalecida para não mais sucumbir a determinação do outro (NOGUEIRA, 2017). Assim, mais do que nunca a psicologia precisa se pautar na historicidade da construção do país de sua atuação, pois negar os efeitos da colonização e o papel dela na estruturação do

racismo, é compactuar com este sofrimento. Dessa forma, torna-se preciso a reinvenção da atuação para que se pense em formas de ocupar espaços de poder a fim de oferecer estratégias e principalmente suporte de cuidados a comunidade negra (G. NOGUEIRA, 2014).

CAPÍTULO 3

É sobre o toque não mais machucar; E a dor do banzo virar cicatriz; Sobre a urgência do auto cuidar; Também ser luta; É sobre abraço, sobre pertencer; Nos dar afeto pra fortificar; Sobre se ouvir e se fortalecer; Ser chave pra resistir; Se somos, sou; Resiste; Se somos, sou; Persiste; Herdamos laços que nos fazem nós; Nosso sonhar, resiste. *(Trecho da música Sobre Nós, Drik Barbosa ft. Rashid, 2020)*

3.1 Psicologia, Psicanálise e a Formação Profissional

Ao discorrer sobre o fenômeno da ideologia racista que promove a discriminação, suas implicações e o impacto que este fenômeno causa nas relações sociais dos sujeitos, pode-se dizer que a população negra é submetida constantemente ao processo de invisibilização de suas dores de seu sofrimento e desvalorização de características que formam sua identidade cultural (CFP, 2017). Dessa maneira o lugar reservado para essa população revela não só descaso, mas também o desprezo de sua Negritude, fazendo com que esse pacto denominado de pacto narcísico da branquitude postulado por Cida Bento (2002), perpetua-se a fim de manter essa branquitude em seus locais de privilégio.

Ao inserir a atuação psicanalítica no contexto brasileiro é relevante que se compreenda essa prática levando em consideração a importância de se analisar o fenômeno da ideologia racista a partir do viés do processo de colonização que ocorreu no Brasil, pois se faz necessário assimilar o fenômeno para compreender o todo e promover formas de enfrentamento dessa ideologia tão nociva as relações e estabelecimento de vínculos sociais. De acordo com Kon (2017, p. 23):

Era esse, justamente, o trabalho que estava por ser feito por uma psicanálise que se poderia considerar, então, propriamente brasileira, e que levaria em conta nossa história civilizatória nem tão civilizada assim. Seria necessário elaborar as sequelas da discriminação Histórica oriunda de práticas econômicas e políticas de exploração do outro.

Outro fator importante a ser citado é que ao compreender a natureza intersubjetiva, que se mantém através do outro é preciso que se saiba que a psicanálise quando contextualizada pode auxiliar na compreensão desses vínculos que ocorrem através de desejos, muitas vezes inconscientes. Pois a psicanálise embranquecida postulada em territórios europeus não é capaz de compreender os aspectos brasileiros no desenvolvimento das relações sociais, dessa forma ao se descolonizar a psicanálise e a psicologia é possível ressignificar e ampliar muitos de

seus conceitos o que torna possível desenvolver uma prática de escuta das diferenças, pois, não se desassocia a clínica de fenômenos sociais e suas interseccionalidades, de acordo com a premissa postulada por Silva:

O racismo, o preconceito, a intolerância, estrutura a forma como as relações se estabelecem na sociedade brasileira; materializam-se no convívio social, assim como no acesso, permanência e mobilidade nas instituições que a compõem e irão provocar, nos indivíduos negros, registros afetivos adversos (2017, p. 81).

Atualmente o debate racial vem ganhando cada vez mais espaço dentro do mundo acadêmico, principalmente quando se fala em psicologia. Já se sabe que há muito a questão racial não era devidamente reconhecida como um fator legítimo ao se falar no sofrimento e angústias da população negra, e muitas vezes, por conta da promoção do mito da democracia racial instaurado erroneamente no país que visava inviabilizar e deslegitimar os impactos do racismo e da discriminação racial (CFP. 2017), mas é justamente isso que deve ser alterado, já que a própria psicologia em tese deveria levar em consideração as implicações e vicissitudes do racismo.

Conforme visto anteriormente o que causa impacto há gerações na subjetividade dos sujeitos, e, portanto, em suas vinculações sociais, são os fatores identificatórios construídos historicamente entre pessoas, pois se não há reconhecimento dessa herança, não há mudança. Agora, se a reconhecimento deste impacto é possível tratá-lo adequadamente, portanto falar sobre relações sociais é uma maneira de começar a tornar consciente aquilo que está implícito, além de promover uma resignificação do que é ser negro (FERNANDES; SOUZA, 2016).

Os anos de discriminação tiveram como resultado o fortalecimento da ideologia racista, promovendo a desumanização da população negra e mantendo-os no lugar traumático (ser negro) e deixando a população em angústia constante. Não obstante, para analisar mais a fundo as perspectivas da Psicologia a respeito da temática racial, pode-se observar o contexto da formação dos profissionais psicólogos no meio acadêmico, onde pouco se fala e quando se fala é de maneira rasa o que não contempla a complexidade do assunto e uma formação que promova reflexões a respeito da constituição histórica no Brasil é fundamental para estabelecer resistências e práticas clínicas antirracistas (FERNANDES; SOUZA, 2016). O que de certa forma é surpreendente pois desconsidera todo o processo de formação da

sociedade brasileira e suas características culturais. Pois conforme afirma Silva (2017, p. 75):

Certamente, o reconhecimento de que o racismo permeia as relações na sociedade brasileira indica a necessidade de se conhecer a história do nosso país para compreender como as relações estão estruturadas e para ouvir o outro a partir de seu contexto histórico.

Pois, como ignorar um contexto que foi construído na base do sofrimento de todo um povo e que manteve esse processo de exclusão até os dias de hoje? Grande parte disso encontra-se baseada na crença de que falar sobre a temática racial apenas perpetua o problema, e é justamente esta falácia que deveria ser combatida. Vale ressaltar que não considerar o contexto histórico e social de uma população se torna antiético já que de acordo com o Código de Ética Profissional (CFP, 2005, p. 7):

II: o psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para eliminação de quaisquer formas de negligência discriminação exploração violência crueldade e opressão.

III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política econômica social e cultural.

Dessa forma debater esse tema nas instâncias de formação dos profissionais de psicologia é crucial no combate ao racismo e na construção de uma escuta qualificada, apta a compreender este sofrimento provocado por anos de subjugação e tratá-lo de maneira efetiva, pois o silenciamento do sofrimento dessa população, é também uma forma de manter as engrenagens do fenômeno do racismo (CFP, 2017).

3.2 Ubuntu: do eu sou ao resgate da autoestima de todo um povo como forma de resistência

Transformar a teoria em ação é o que fez com que o povo negro se mantivesse vivo a duras penas, por isso é necessário que fique enfatizado que a resistência para existir sempre esteve presente em nossas vidas, dos quilombos aos movimentos negros atuais. Pois, é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança, esse é um provérbio africano e sabe-se que desde a mais remota memória, é importante a participação da comunidade na Constituição de um indivíduo, trazendo a perspectiva ancestral do Ubuntu:

A noção fundamental da epistemologia e ética ubuntu é – tomando o termo emprestado de Tshiamalenga – a filosofia do “Nós”. Nos termos dessa filosofia, os princípios da partilha, da preocupação e do cuidado mútuos, assim como da solidariedade, constituem coletivamente a ética do ubuntu (RAMOSE, 2010 apud MORAES, 2019, p. 4).

Nos constituímos a partir do outro e o *nós* fortalece, por isso a representação social e o movimento negro tem um papel fundamental para o resgate da autoestima e promoção do orgulho pela negritude. Indo contra o local de inferioridade imposto pela branquitude e, que sempre associou o ser negro a diversos estereótipos negativos, dessa maneira o movimento negro em direção ao amar e se orgulhar da negritude é uma quebra do enquadre estabelecido até então (HOOKS, 2019).

A cura para o processo de colonização vem através da conscientização, assim é necessário que a atuação profissional também esteja voltada para esta conscientização. Pode-se dizer que para uma atuação pautada na prática antirracista além de ações que envolvam políticas públicas voltadas para a promoção de Equidade, conforme afirma o Conselho Federal de psicologia (2017, p.109):

É importante debater sobre a natureza das ações desenvolvidas nos diversos serviços e como podem essas ações contemplar efetivamente o recorte racial oferecendo às (aos) usuárias(os) uma atuação condizente com cada pessoa e cada contexto, podendo, ainda, contribuir com esse olhar diferenciado em atuações interdisciplinares e estando de acordo com os princípios éticos que norteiam a prática da(o) psicóloga(o).

É preciso também desenvolver a consciência racial do próprio profissional. É preciso comprometimento para resistir em uma sociedade que prioriza a destruição, não só de corpos negros, mas também da identidade e todos os saberes produzidos, visando a promoção da autoestima para que enfim encontre-se a liberdade real que a tanto tempo é negada, ressignificando lugares traumáticos, estereótipos, ampliando e fornecendo aspectos da identificação de todo um povo e principalmente se impondo com ações e contribuições contra essa estratégia de dominação (CFP, 2017).

DISCUSSÃO

Após uma revisão bibliográfica utilizada para analisar as hipóteses postuladas foi possível evidenciar aspectos muito importantes que permitem ampla discussão referente aos impactos das relações sociais e sua influência na constituição da subjetividade do sujeito, além dos efeitos gerados na sociedade. Conforme visto anteriormente o Brasil carrega em sua estrutura social as consequências do processo de colonização e escravização dos negros trazidos do continente africano, evidenciando as desigualdades estabelecidas naquele período até os dias atuais. Diante disso, ao recorrer às premissas postuladas por autores como Fanon, Kon e Munanga, foi possível apresentar um campo amplo para discussão relacionado as perturbações psíquicas causadas a partir da exposição constante ao racismo gerando não só sentimentos de desesperança, mas também angústia, negação da identidade Negritude, falta de autoestima o que contribui para o sofrimento e adoecimento psicológico além de ansiedade e depressão, reflexos de uma existência inautêntica., que se relaciona intimamente com o sentimento de inferioridade intrínseco aos negros por conta da manutenção dos privilégios da branquitude.

Outro fator válido de ser ressaltado está relacionado a noção de pertencimento, pois ao ocupar o lugar que nos foi fornecido, sem ligações positivas aos aspectos da Cultura negra sendo devidamente valorizados, como costumes e idiomas, aspectos visuais como cabelo crespo, penteados, tranças e *dreads*, e também manifestações artísticas como *hip-hop* e o *breakdance*, que passaram por grandes estereótipos de marginalização e que sempre foram hostilizados por não serem condizentes com a lógica hegemônica e eurocêntrica perpetuada pela branquitude. Pensando nesses aspectos, o olhar do outro traz reflexos desse discurso hegemônico que contribuiu para esse apagamento histórico e conseqüentemente identificatório, privando que a população negra tivesse acesso a qualquer representação positiva relacionada a sua Negritude, através de filmes, desenhos, propagandas e afins, que visava não só a alienação psíquica e necessidade em embranquecer o negro e a cultura negra a todo custo, mas também em manter tudo que é relacionado a negritude em um lugar de associações negativas.. Por isso a importância das mudanças vistas atualmente, como marcas de cosméticos voltadas para as necessidades da população negra, produções de filmes e livros com a

temática racial ou protagonistas negros em papéis de destaque. São mudanças sutis, mas que contribuem para o desenvolvimento de uma nova consciência coletiva e outras transformações tão necessárias atualmente como uma forma de combate a essa hegemonia instituída até então. O fator da constituição subjetiva que se dá através do olhar do Outro, torna difícil o enfrentamento do racismo, pois não reconhece o sofrimento específico causado por ele.

Por fim, nota-se que apesar dos avanços para que a psicologia abrace efetivamente a demanda das relações raciais e o impacto dela no psiquismo, ainda há muito a ser feito principalmente relacionado a formação dos profissionais psicólogos onde pouco se fala e se apresenta o contexto social das relações raciais fazendo com que publicações e materiais sejam escassos, além de uma atuação descontextualizada que não contribui para o combate do racismo estrutural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os aspectos abordados durante o desenvolvimento desta pesquisa, pode-se observar alguns pontos pertinentes a respeito da forma com que a psicologia pode ser utilizada para analisar e compreender as relações raciais, mas principalmente qual o papel dos profissionais psicólogos no enfrentamento dos impactos causados pelo fenômeno da ideologia racista. Ficou evidente que com o processo de colonização a partir do qual a sociedade brasileira foi construída o racismo se estabeleceu como forma de manter submisso a população negra a fim de obter ganhos, econômicos e sociais, dessa forma, a partir da constituição do sujeito negro que ocorre a partir do Olhar do outro, este outro sendo branco, a inferioridade fica evidente na forma de sentir e se portar, causando diversos fenômenos psíquicos nessa população.

Dito isso, é de suma importância que a atuação do psicólogo esteja pautada no contexto no qual ele está inserido, levando em consideração todos os fenômenos sociais que atravessam a constituição do sujeito, essa é a única forma de atuar eticamente e principalmente contribuir para o avanço da luta contra o racismo estrutural, além de claro, oferecer subsídios teóricos e práticos para auxiliar a população sujeita a esse fenômeno para compreender as dores e os impactos do racismo.

Um inconsciente submetido a colonização, conseqüentemente tem cor, logo, tem suas implicações específicas pautadas nessas relações e discussões racializadas. Por fim, negligenciar as implicações psicológicas do racismo é também uma forma de perpetuar a existência desse fenômeno, sendo necessário a promoção de diálogos, pesquisas e principalmente uma formação pautada no contexto histórico e social do nosso país.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. Trecho do poema: **Ainda assim eu me levanto**, 8-9, 1978.

Atlas da Violência 2019. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo; Rio de Janeiro; Brasília, 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3478 Acesso em 05 de setembro de 2021.

BARBOSA, Drik; RASHID. Trecho da música: **Sobre Nós**, 1, 2020.

BORGES. Prefácio. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia (Org.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

BRAGA, Ana Paula Musatti. et Rosa, MD (2018). Articulações entre psicanálise e negritude: **Desamparo discursivo, constituição subjetiva e traços identificatórios**. Revista da ABPN, v. 10, n. 24, p. 89-107.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília: CFP, 2005. 20 p. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais: Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogas (os)**. 1 ed. Brasília: CFP, 2017. 147 p. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/relacoes-raciais-referencias-tecnicas-para-praticadao-psicologao/>. Acesso em: 05 set. 2021.

DE ALENCASTRO, Luiz Felipe. **África, números do tráfico atlântico**. 2018

DE ALMEIDA, Wilson Castello. **Defesas do ego: leitura didática de seus mecanismos**. Editora Ágora, 2021.

DE ARAÚJO, Maria Odete Freire. **TRABALHO ESCRAVO NO BRASIL: DA ALFORRIA EM 1888 À PRÁTICA AINDA EXISTENTE E SUAS PROJEÇÕES**. 2019.

FANON, Frantz. **PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 312.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S.L.], n. 63, p. 103, 29 abr. 2016. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901x.v0i63p103-120>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/Qxn7Fj4Q5d73gGYsQKHj4s/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2021.

HERZOG, Regina. O laço social na contemporaneidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, [S.L.], v. 7, n. 3, p. 40-55, set. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1415-47142004003004>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142004000300040&script=sci_arttext. Acesso em: 04 dez. 2020.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Elefante Editora, 2019.

KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia (Org.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

MARTINS, Mireile Silva; MOITA, Júlia Francisca Gomes Simões. Formas de silenciamento do colonialismo e epistemicídio: apontamentos para o debate. **Encontro de Ensino de História**, v. 5, 2018.

MILLER, Joseph C. Restauração, reinvenção e recordação: recuperando identidades sob a escravização na África e face à escravidão no Brasil. **Revista de História**, [S.L.], n. 164, p. 17, 30 jun. 2011. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i164p17-64>.

MODESTO, João Gabriel; MINELLI, Ana Caroline; FERNANDES, Maria Paula; RODRIGUES, Matheus; BUFOLO, Ravena; BITENCOURT, Rodolfo; PILATI, Ronaldo. Racismo e Políticas Afirmativas: evidências do modelo da discriminação justificada. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 33, p. 1-8, 12 mar. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3353>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/sbhwZmDQdDHhBsWQsCvbJVL/abstract/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 05 set. 2021.

MORAES, Marcelo José Derz **A filosofia ubuntu e o quilombo: a ancestralidade como questão filosófica**, Revista África e Africanidades – Ano XII – n. 32, p. 1-11, 2019.

MUNANGA. As ambiguidades do Racismo à Brasileira. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia (Org.). **O racismo e o negro no Brasil**: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NOGUEIRA. Cor e Inconsciente. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia (Org.). **O racismo e o negro no Brasil**: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NOGUEIRA, Simone Gibran. PSICOLOGIA AFRICANA: o que é isso e para que serve? **Anais do VIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores/As Negros/As**, Pará. 29 jul. 2014. FACULDADE ANHANGUERA JUNDIAÍ. <http://dx.doi.org/10.22456/2448-3923.66828>. Disponível em: <https://psicologiaeaficanidades.files.wordpress.com/2012/09/copene-simone-gibran-nogueira.pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer; NUNES, Sylvia da Silveira; COSTA, Eliane Silvia. A Psicologia da Universidade de São Paulo e as relações raciais: perspectivas emergentes. **Psicologia Usp**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 144-158, 17 abr. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564a20132413>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642017000100144&script=sci_arttext. Acesso em: 1 nov. 2021.

SILVA. Racismo no Brasil: Questões Para Psicanalistas Brasileiros. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia (Org.). **O racismo e o negro no Brasil**: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017.

TABACOF. Dessemelhanças e Preconceitos. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia (Org.). **O racismo e o negro no Brasil**: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017.